



MOVIMENTO NOS HOSPITAIS – Caos diário poderia ser minimizado se toda a verba autorizada fosse efetivamente investida nas unidades de saúde do Distrito Federal

SAÚDE PÚBLICA

DF - SAÚDE

Sobram recursos, faltam projetos

Ainda restam R\$ 422 milhões disponíveis para a área este ano, ainda não investidos

Cristina Fausta

As emergências dos hospitais públicos do Distrito Federal estão lotadas todos os dias. Isso não é novidade. No Hospital de Base, por exemplo, são atendidas pelo menos 600 pessoas diariamente. Nas unidades regionais, a situação não é diferente. Em Taguatinga, o número varia de 900 a 950 pessoas/dia, em dez especialidades, e em Ceilândia são 600 atendimentos e, entre os pacientes, há moradores de Samambaia, Brazlândia, Águas Lindas e Padre Bernardo.

A diretora do Hospital de Taguatinga (HRT), Sônia Maria Salviano, afirma que um dos problemas que resultam na superlotação nos pronto-socorros é a falha na atenção básica à saúde, trabalho desenvolvido pelas equipes dos programas de saúde da família e pelos centros de saúde.

Não faltam recursos para serem investidos na área. Segundo dados extraídos do site da Secretaria de Saúde, até o dia 21 de outubro, o orçamento de 2008 já tinha R\$ 1,6 bilhão em recursos autorizados. Deste total, R\$ 1,2 bilhão foram empenhados, ou seja, ainda há R\$ 422 milhões disponíveis, dinheiro que, se não for utilizado até o final do ano, não poderá ser reaproveitado em 2009. A utilização dos recursos depende da elaboração de projetos. E é aí que o processo emperra. No plano de trabalho da secretaria deste ano, há a previsão para construções e reformas de pelo menos 30 centros de saúde, mas até agora, nenhum recurso foi empenhado por falta de projeto.

No ano passado, só a bancada do DF na Câmara dos Deputados apresentou duas emendas ao orçamento para a área de saúde. Uma destinava R\$ 17 milhões ao Hospital de Base e outra, R\$ 11 milhões à Escola de Enfermagem. O deputado Jofran Frejat (PR-DF) também fez emendas individuais, que previam R\$ 1 milhão para a Unidade Materno Infantil do HRT, R\$ 2 milhões para o Hospital Regional da Asa Norte e R\$ 300 mil para serem investidos no Centro de Saúde do Recanto das Emas.

Retorno ao modelo

O deputado federal Jofran Frejat (PR-DF), que foi secretário de Saúde do DF por duas vezes, disse que não sabe se os recursos das emendas federais foram liberados para a utilização, mas criticou a

falta de projetos para aplicação da verba disponível.

— É responsabilidade da Secretaria de Saúde do GDF elaborar esses projetos e apresentá-los à Secretaria de Planejamento e Gestão. Fico frustrado ao ver a decadência do sistema de saúde do DF, modelo este que ajudei a implementar. A população tem direito a um atendimento de qualidade, mas para isso é necessário ter uma política permanente de saúde — comentou o deputado.

No modelo de sistema de saúde implementado no DF, a base do trabalho concentrava-se no atendimento preventivo, realizado de casa em casa, nos postos de saúde, depois nos hospitais regionais e, em último caso, o atendimento no Hospital de Base, instituição idealizada, a princípio, para a realização de procedimentos de alta complexidade.

Do ponto de vista prático, Sônia Maria aponta que um dos problemas que envolvem a atenção básica à saúde hoje é cultural. Le-

Se os projetos não ficarem prontos a tempo, os recursos restantes serão perdidos

vantamento feito pelo Hospital Regional de Taguatinga no mês passado demonstrou que a maioria dos pacientes que vai aos pronto-socorros não passou antes por um centro de saúde. Esse comportamento de dá por dois fatores: falta de credibilidade e escassez de postos em algumas áreas do DF.

Desde janeiro deste ano, o HRT começou um trabalho de acolhimento e classificação de risco nos atendimentos realizados no hospital na tentativa de desafogar o atendimento de urgência. Também foi feito um trabalho com os profissionais que atuam nos postos de saúde da cidade para que orientem as comunidades a resolverem seus pequenos problemas nos postos, como descreveu Sônia Maria.

— O ideal é que as pessoas procurem os postos de saúde e, caso seja um caso emergencial, o paciente será encaminhado ao hospital. Reverter esta situação é um desafio dos agentes de saúde. Mas é importante destacar que a secretaria tem de reestruturar a atenção básica à saúde — comentou a diretora do hospital de Taguatinga.



Denise Benevides/GDF

AUGUSTO CARVALHO – Secretário admite que a burocracia e a falta de pessoal atrasam os projetos

Emendas são insuficientes, diz secretário

“Os projetos esbarram na burocracia da licitação e na dificuldade que a secretaria tem de elaborá-los

Augusto Carvalho, secretário de Saúde

tacou que sua gestão está empenhada em inverter a realidade vivida hoje pelos hospitais. A estratégia, segundo ele, é retomar a atenção ao programa Saúde da Família.

— Hoje, temos 75 equipes do programa atuando, mas 35 delas estão incompletas. Vamos remontar esses grupos e teremos outras 120 nas ruas em janeiro — afirmou o secretário.

Essas equipes são formadas por médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, dentistas e um agente

comunitário. Cada equipe tem um profissional dessas especialidades.

Falta de projetos

O secretário admitiu a dificuldade que o governo tem de elaborar projetos para a liberação dos recursos. Segundo ele, a burocracia e a falta de recursos humanos são obstáculos a serem vencidos para que os projetos saiam do papel.

— Os projetos esbarram na burocracia da licitação e na dificuldade que a secretaria tem de elaborá-los. Ainda assim, em uma semana, vamos inaugurar o posto de saúde da Estrutural e também estamos em fase de execução dos postos de Itapuã, Arapoanga, Mestre D'Armas e do Riacho Fundo — reiterou Augusto Carvalho.

A meta da secretaria é retomar os trabalhos de saúde preventiva e o atendimento básico de forma a atender a população do DF, que hoje é de 2,4 milhão de pessoas, segundo dados do IBGE, e ainda preparar o sistema para a demanda da população do Entorno, hoje estimada em 1,5 milhão de pessoas.